

Comerford, K. M. (2022). *Jesuit Libraries*. Brill.
<https://brill.com/display/title/60148?rskey=YCWyau&result=1>

SOFIA BETTENCOURT DA SILVA

Centro de Estudos Clássicos CEC- FLUL

sbsilva@letras.ulisboa.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3358-4842>

Kathleen M. Comerford é doutora em História pela University of Wisconsin, neste momento é Professora Auxiliar de História na Georgia Southern University. É autora das obras *Reforming Priests and Parishes: Tuscan Dioceses in the First Century of Seminary Education* de 2006, *Jesuit Foundations and Medici Power, 1532-1621*, publicada no ano de 2016. Já no ano 2021 foi dado ao prelo *Ordaining the Catholic Reformation* e *Early Modern Catholicism: essays in honour of John O'Malley*.

O presente ensaio, *Jesuit Libraries*, encontra-se estruturado em três capítulos, abordando as etapas da vida das bibliotecas jesuíticas: antes, durante e após a supressão da Companhia de Jesus, desenvolvido ao longo de noventa páginas. Na introdução a autora chama a atenção para o papel das bibliotecas na sociedade, que por um lado, preservam a informação e por outro são produtoras de conhecimento. Estas duas funções da biblioteca dependem da visão que os bibliotecários têm para o crescimento do acervo bibliográfico e da vocação das suas bibliotecas. A Companhia de Jesus desenvolveu uma tradição de biblioteconomia desde a sua criação, com o propósito da evangelização e a educação de crianças e adultos letrados no cristianismo. Para isso, os Padres da Companhia necessitavam de livros sobre retórica, interpretação da Bíblia, material de ensino, administração dos sacramentos, pregações e exercícios espirituais. As coleções das bibliotecas tiveram que ser incrementadas para dar resposta às necessidades das novas missões e colégios que foram sendo criados em diferentes partes do mundo. É nesta parte do texto que a autora coloca a questão sobre quais os assuntos que deveriam conter as bibliotecas desta Ordem Religiosa. A resposta a esta pergunta não é dada de forma direta, pois estas bibliotecas ganham mais complexidade ao longo da vida da Companhia de Jesus. Mas nesta

parte do texto é também apresentado o objetivo deste livro; abordar o que foi e é uma biblioteca jesuítica, explorando os acervos bibliográficos custodiados nos dias de hoje, sobretudo por algumas bibliotecas universitárias de todo o mundo.

No início as bibliotecas jesuíticas não eram muito diferentes das bibliotecas de outras ordens religiosas, não existindo linhas orientadoras para a sua formação. Isto fica demonstrado nos documentos mais antigos que pouco ou nada determinam quais os livros que deveriam compor as estantes das suas livrarias. A prática de biblioteconomia dos Jesuítas compreendia a coleção, a sua manutenção, distribuição e organização. Estas preocupações desenvolveram-se lentamente ao longo dos séculos XVI e XVII com a publicação de guias. O crescente interesse na formação de coleções de livros está ligado com a Reforma e a Contrarreforma. Esta crise religiosa fez com que existisse a necessidade de as instituições educacionais criarem bibliotecas que pudessem formar uma classe de ministros leal e doutrinariamente sólida.

As orientações dadas por manuais como *Musei sive bibliothecae tam privatae quam publicae exstructio...* (Clément, 1635), ou, *Systema bibliothecae collegii Parisiensis Societatis Jesu* (Garnier, 1698), ou, *Bibliotheca selecta* (Possevino, 1593), para citar alguns, encontram-se ligados à possibilidade de adquirir livros a preços mais baixos durante os séculos XVI e XVII, exigindo por parte das bibliotecas critérios mais rigorosos para o crescimento dos seus acervos bibliográficos, bem como as obras que deveriam estar presentes nas bibliotecas das missões. Como resultado da publicação destes guias, existiu uma padronização da organização das bibliotecas, bem como o surgimento de novas bibliotecas. Mesmo com a publicação de vários guias, o crescimento dos acervos bibliográficos das bibliotecas da Companhia foi feito através de compras diretas, pedidos e legados de Padres Jesuítas. Outros livros foram adquiridos a impressores locais ou estrangeiros, consoante o orçamento que cada biblioteca dispunha.

A primeira parte desta obra é dedicada às bibliotecas antes da supressão, onde é questionado o tamanho das bibliotecas jesuíticas deste período, o seu conteúdo bem como o papel destas bibliotecas institucionais, ligadas aos colégios e casas religiosas de todo o mundo, começando pela Europa. O desenvolvimento das bibliotecas das missões dependeu sempre das ideias europeias e do financiamento. De acordo com a autora a Europa que se tornou o ponto de partida para compreender o que foi e é uma biblioteca jesuítica. As primeiras bibliotecas da Companhia eram pequenas para os padrões modernos, era na Europa que se concentrava o maior número de bibliotecas desta Ordem. As coleções consistiam na seleção das mais impor-

tantes obras de referência e de erudição associadas aos Jesuítas. Incluíam não só livros sobre todos os assuntos ensinados pelos seus membros, mas também continham informações sobre assuntos relacionados à expansão global da Ordem. Nos acervos destas bibliotecas existiam livros proibidos, estando em áreas específicas da biblioteca e a sua consulta não era acessível a todos, isto é, só quem tivesse autorização para os ler. Atualmente está em curso o projeto European Jesuit Libraries Provenance Project EJLPP¹, liderado por Kathleen Comerford da Georgia Southern University com o objetivo de perceber como eram as coleções destas bibliotecas antes da supressão. Da análise das informações recolhidas continuamente desde 2016, foi possível comparar dados de instituições em toda a Europa. As conclusões retiradas dos dados já tratados permitem traçar um padrão das bibliotecas jesuíticas tinham um orçamento baixo e o enriquecimento do acervo era feito através de ofertas, livros comprados a impressores locais e às tipografias de colégios da Companhia. A maior parte dos autores eram Padres da Companhia de Jesus, a língua dominante dos livros era o latim e a sua temática era comum nas bibliotecas da Ordem, mas isso não impediu que nas suas estantes houvesse obras sobre a história, cultura e idioma dos locais em que estavam inseridos. Mas para este estudo ser mais abrangente é necessário incluir as missões que existiram na Europa.

Os padres jesuítas que viviam nas missões redigiam relatórios de atividades das suas casas. Estes relatos eram impressos e distribuídos pelos diferentes colégios desta Ordem para serem lidos na hora das refeições, e apresentados a potenciais patrocinadores do projeto de instrução da Companhia de Jesus.

As bibliotecas das missões fora da Europa foram inicialmente criadas de forma menos sistemática do que as europeias, estando dependentes do transporte de livros pelos próprios missionários, da generosidade dos patronos, da existência de tipografias locais e da chegada dos livros pedidos à Europa.

Na segunda parte da obra em apreço, é abordado o período durante a supressão. A expulsão dos Jesuítas iniciou-se no Brasil em 1754, e, em 1759, a ordem de expulsão alastrou-se a todo o reino de Portugal, e, paulatinamente, aos restantes reinos europeus. Durante esta etapa muitos bens dos Jesuítas passaram para as mãos de outras ordens religiosas, particulares ou foram nacionalizados. Muito antes da expulsão a Companhia de Jesus, teve significativas perdas materiais de livros. Por exemplo, no Japão, quando

¹ <https://www.jesuit-libraries.com/>.

o cristianismo passou a ser proibido, muitos livros acabaram por ser queimados. Também na Europa estas perdas foram causadas por guerras entre reinos. Mas o maior motivo para a perda de bens foi a breve papal *Dominus ac Redemptor* de supressão dos Jesuítas. Nesta fase foram feitos inventários aos bens que a Companhia de Jesus deixou para trás. Ao analisar estes inventários, a autora constatou que foram feitos de uma forma pouco cuidada na recolha dos dados com muitas omissões, o que dificulta a tarefa de reconstituição dos acervos bibliográficos. O destino dado às bibliotecas jesuíticas durante a supressão da Ordem mudou de país para país. Umas acabaram por ser vendidas a particulares a outras ordens religiosas, quanto muito oferecidas a entidades e ordens religiosas ou a organismos públicos.

A terceira parte recaiu sobre as bibliotecas depois da restauração. Neste capítulo, a autora pretende examinar as bibliotecas em instituições que foram restabelecidas após a restauração da Ordem, bem como aquelas que foram criadas de raiz. E novamente coloca a questão sobre o que define uma biblioteca jesuítica. Atualmente existem colégios e casas da Companhia de Jesus espalhados pelo mundo, mas poucas bibliotecas têm ligação com as bibliotecas existentes antes da supressão. É possível encontrar hoje livros das bibliotecas desta Ordem antes da supressão em coleções privadas bem como ligadas a outras ordens religiosas.

Depois de a Companhia de Jesus ter sido restabelecida através da bula do Papa Pio VII, em 1814, a reabilitação não foi imediata, levantando-se algumas questões como quem financiaria estes colégios, ou se os bens que foram sequestrados poderiam ser devolvidos. A questão da propriedade dos colégios Jesuíticos nunca foi discutida, tendo sido sempre evitada mesmo depois da Ordem ter sido restaurada. As bibliotecas jesuíticas encontravam-se dispersas, ou, no mesmo lugar, mas a sua posse pertencia a outra entidade. Com o restabelecimento a Companhia de Jesus, voltou, na ótica da autora, numa posição mais vulnerável, pois já não detinham a influência intelectual, de outrora como a que gozavam antes de 1759, em que os Jesuítas dirigiam universidades e possuíam grandes bibliotecas. Esta alteração espelha uma mudança radical na vida intelectual da Igreja Católica, pois a Companhia de Jesus não só perdeu a posse das bibliotecas confiscadas, mas também as que resistiram à supressão, que acabaram por desaparecer por motivo do: mau acondicionamento, abandono, vandalismo, guerras, inundações, incêndios e sismos.

De acordo com a autora os colégios da Companhia de Jesus, criados ou restaurados desde 1814, mantiveram não só a tradição biblioteconómica dos Jesuítas, como também ajudaram a desenvolver esta disciplina. De igual

forma como aconteceu para as bibliotecas públicas, as bibliotecas Jesuíticas adotaram a catalogação, que, no século XIX, teve as primeiras tentativas para o estabelecimento de regras, da mesma forma como já no final do século XX adotaram os catálogos virtuais, tornando-as mais acessíveis ao público em geral.

Na última parte do texto são apresentadas as principais conclusões chegadas por Comerford, enquanto a presença jesuítica se espalhava por todo o mundo, com o objetivo de evangelizar, formaram grandes coleções de livros que os auxiliaram no seu propósito. Os Jesuítas são bibliotecários desde a fundação da Ordem, e essa tradição manteve-se mesmo após 1814, sendo possível hoje em dia encontrar bibliotecas com coleções significativas nas suas casas. Mas a presente investigação não se encontra concluída, existindo ainda omissões que precisam de explicações. Por exemplo, é necessário aprofundar os estudos sobre a história da impressão, educação das missões em todo mundo, como também a censura de obras impressas, onde a Companhia de Jesus teve uma forte intervenção.

As bibliotecas Jesuíticas têm sido pouco estudadas em Portugal verificando-se omissões significativas sobre diversos catálogos desta Ordem religiosa. O foco dos investigadores tem recaído sobre as bibliotecas desta Ordem religiosa que se situavam nos territórios que compreendiam o espaço ultramarino português. Prova disto é o estudo aprofundado de Serafim Leite para o Brasil (Rodrigues, 2011). Mas será necessário chamar a atenção para os arquipélagos atlânticos da Madeira (Silva, 2014), e dos Açores. Estas ilhas estrategicamente localizadas são pontos de passagem obrigatórios de muitos que se dirigiam para paragens mais longínquas ou que regressavam à Europa. A autora colocou menções significativas a Portugal, mas concentrou-se nos grandes centros como Coimbra e Lisboa, referindo muito pouco o papel das ilhas portuguesas e colónias africanas. Assim, será importante saber que sinergias existiram entre a passagem de tantos viajantes e a evolução dos acervos bibliográficos e quão atualizados estariam. Seria importante constatar o que se lia nos vários colégios da Companhia de Jesus nestes arquipélagos, eram ilhas de passagem para quem atravessava o Oceano Atlântico, será que influenciaram as leituras destes colégios. Outra questão para a qual ainda não há resposta, é se os acervos bibliográficos das bibliotecas destes colégios desta Ordem religiosa contavam com os mesmos autores nas suas estantes.

Em conclusão esta obra abre novas perspetivas de investigações futuras, especialmente no que concerne à valorização dos arquivos e bibliotecas desta Ordem, em especial em Portugal.

Referências bibliográficas

- Clément, C. (1635). *Musei sive bibliothecae tam priuatae quàm publicae exstructio, instructio, cura*. Sumptibus Iacobi Prost. <https://archive.org/details/museisiuebiblioth00clem/page/n5/mode/2up?ref=ol&view=theater>
- Garnier, J. (1678). *Systema bibliothecae collegii Parisiensis Societatis Iesu*. Excudebat Sebastianus Mabre-Crambisy. <https://archive.org/details/systemabiblioth00garngoog/page/n1/mode/2up?ref=ol&view=theater>
- Possevino, A. (1593). *Antonii Posseuini Societatis Iesu Bibliotheca selecta qua agitur de ratione studiorum in historia, in disciplinis, in salute omnium procuranda*. Ex Typographia Apostolica Vaticana.
- Rodrigues, L. F. M. (2011). As “livrarias” dos Jesuítas no Brasil colonial, segundo os documentos do “Archivum Romano Societatis Iesu”. *Cauriensi*, 6, 275-302. <https://dehesa.unex.es/handle/10662/2483>
- Silva, S. B. (2014). *As Bibliotecas religiosas da Ilha da Madeira no século XVIII*. Universidad de Alcalá. <https://ebuah.uah.es/dspace/handle/10017/22536>